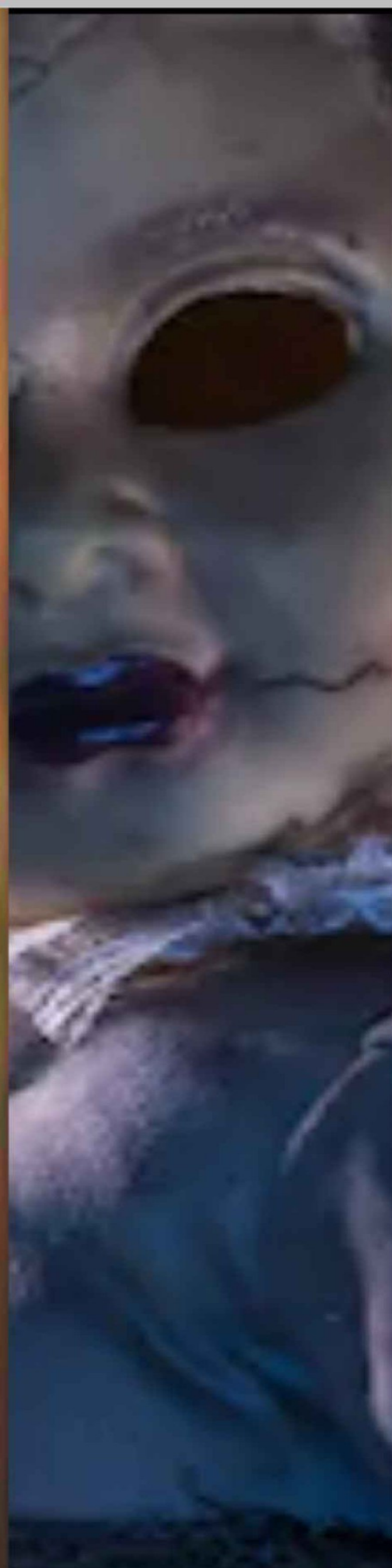
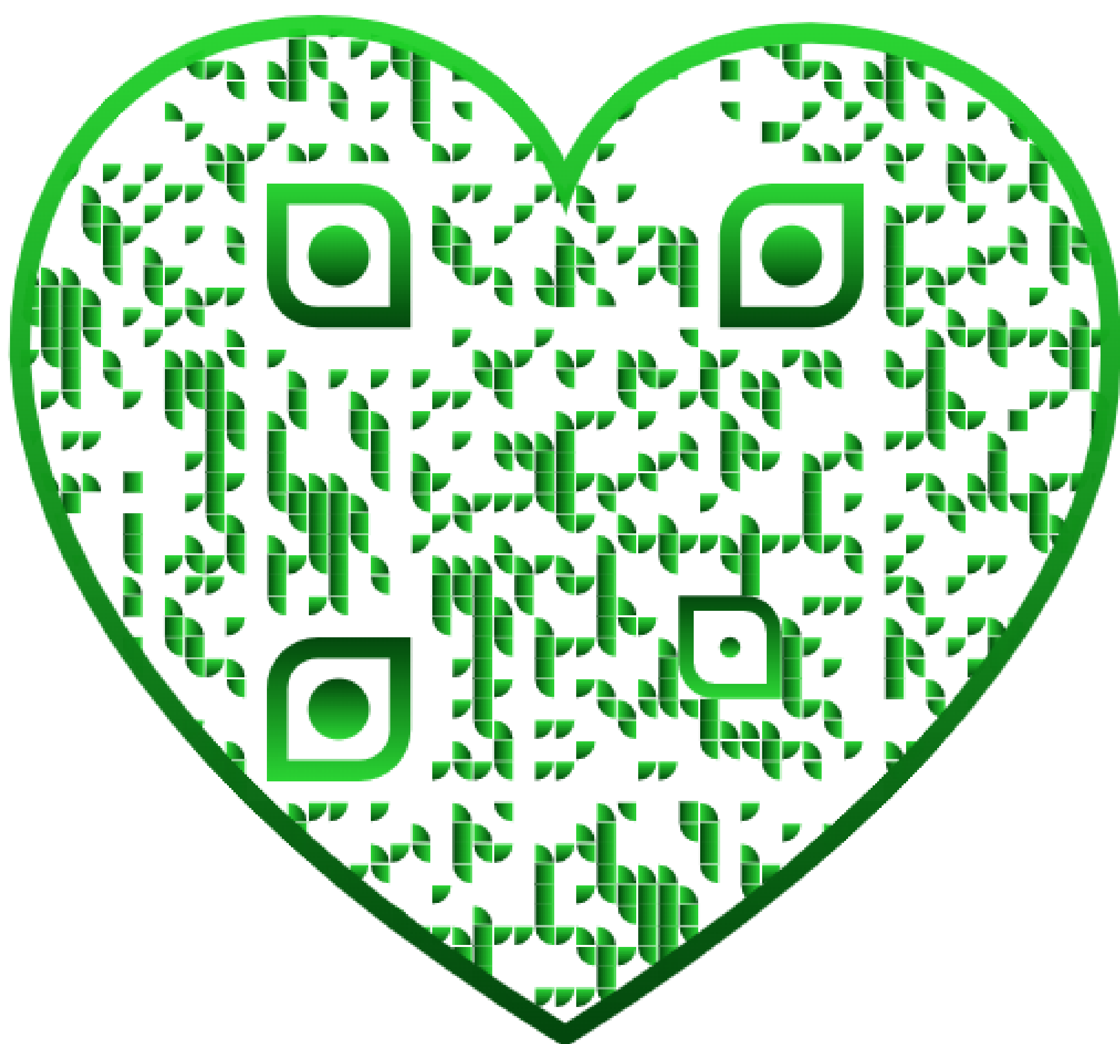
PRIS MAGALHÃES





BONECOS DE TOULON



Bonecos de Toulon

Pris Magalhães

Copyright © 2019 - Todos os direitos reservados

Pris Magalhães

Capa: Pris Magalhães

Diagramação: Pris Magalhães

P172s Magalhães, Pris

Bonecos de Toulon

São Paulo /SP:2019

1. Conto. 2. Ficção.

2. CDD: B869.35

Todo conteúdo é protegido pela lei de direitos autorais e direitos conexos. É expressamente proibido sua cópia, reprodução, difusão, transmissão, utilização, modificação, venda, publicação, distribuição ou qualquer outro uso, na totalidade ou em parte, em qualquer tipo de suporte ou sem prévia autorização por escrito da autora.

Contato com a autora pelo email: priscamagal@yahoo.com.br

Instagram: @priscamagal Twitter: @Priscilamagal Facebook: Pris Magalhães

Inspirado no filme “O mestre dos brinquedos”

Santiago odeia que seus irmãos debochem dele, especialmente Júlia, a irmã mais velha que acabou de completar quinze anos e acha que já é uma adulta.

E dai que não queira dormir com as luzes apagadas e acorda gritando durante a noite por conta dos pesadelos? Que espie o corredor antes de ir ao banheiro e faça esse trajeto correndo? Ele só tem seis anos e deveria ser permitido sentir medo, especialmente dos novos bonecos que o pai trouxe de sua última viagem à Índia.

Na estante da sala, arrumados nas prateleiras fechadas por portas de vidros, eles repousam protegidos das mãos de curiosos – Uma relíquia – disse o pai orgulhoso quando os colocou ali, três ao todo, estranhos e excêntricos e que de imediato pareceu ao pequeno Santiago pequenas aberrações vindas do outro lado do mundo – talvez do inferno – pensou o garoto.

– Esses são raridades que comprei de um místico – apresentou-os o pai, mas tudo que Santiago via era um boneco de cabelos brancos e chapéu que tinha armas no lugar de mãos, outro com a cabeça pequena demais para seu corpanzil e que possuía mãos gigantes e uma boneca de cabelos negros com uma boca grande demais (e que curiosamente lembrava sua mãe) – Um velho que dizia possuir uma fórmula que dava vida a objetos inanimados – O pai não acreditou claro, mas o misticismo o atraía.

– Podem sair dai e assustá-lo à noite – disse Júlia ao perceber os olhos arregalados do pequeno quando o pai os colocou atrás dos vidros da estante.

– Não tenho medo – Santiago estufou o peito ao dizer, mas sentiu dor nas palmas das mãos aos cravar ali as unhas.

– Posso ouvir seus joelhos tremendo daqui – Júlia debochou – Cuidado para não fazer xixi na cama.

Santiago não fez xixi na cama por casa dos bonecos, mas garantiu não tomar líquidos depois das três horas da tarde, já os pesadelos ele não pode evitar, e foram cada vez mais presentes e intensos.

– Querido, seu pai e eu já vamos – diz a mãe entrando no quarto do pequeno. Usando um vestido vermelho justo demais para suas formas muito arredondadas, Paula ajeita os pretos cabelos cacheados – Já sabe, se sentir fome, peça à Júlia que prepare algo e não vá ao quarto de seu irmão, ele não gosta de ser perturbado quando está numa competição online.

– E quando ele não está? – Santiago murmura.

– Que tal fazer desenhos? – ela diz, querendo que a situação pareça mais legal do que é.

– Já desenhei o suficiente – aponta para o calhamaço de folhas sobre a mesa onde está sentado de frente.

– Bom, então pode assistir a alguma coisa – sua alegria não é contagiante. Ela sabe que o filho não gosta de ficar com os irmãos. Eles o ignoram e no fundo ele tem que se virar sozinho.

– Vou ficar bem, mãe. Podem ir.

– Obrigada, filho – Paula acena rapidamente da porta, talvez com medo de que o filho peça que ela fique. – Não vamos demorar. – um beijo jogado no ar, passos na escada e o som do carro partindo pela noite.

Santiago se levanta da cadeira em que esteve sentado nas últimas duas horas e olha pela janela. A névoa já cobre boa parte de Paranapiacaba, no município de Santo Andre, serpenteando pelas ruas e encobrindo quase todos os telhados, anulando a visibilidade quase que total. O garoto odeia essa vila, esse nevoeiro que engole as casas como um grande lençol branco, um fantasma silencioso gelado e é nisso que está pensando quando ouve algo se quebrando no andar de baixo. Ele se afasta da janela num pulo e prende a respiração, então chama.

– Júlia? – Aguarda, escuta, mas apenas o silêncio na casa, como se todos de repente tivessem saído e se esquecido dele – E se todos saíram? – ele pergunta a si mesmo em voz baixa, então dá o primeiro passo para a

investigação. A mão na maçaneta fria faz seu coração dar um solavanco mais forte, e apesar de já estar acelerado, o órgão que bombeia sangue em seu peito lhe mostra que é capaz de uma corrida em sua caixa torácica – Júlia? – Um som de cacos sendo pisados é ouvido no andar inferior.

Caminhando pelo corredor semi-iluminado, Santiago tem o cuidado de não fazer barulho e tenta escutar através das portas fechadas, mas não tem certeza, além do característico som de televisão, se eles estão lá dentro, então mais uma vez o som de passos são ouvidos lá embaixo.

– Júlia? – apesar de ele não obter respostas, o garoto acredita que a irmã tenha derrubado alguma coisa e agora esteja tentando esconder antes que os pais cheguem, então ele caminha mais rápido, porém com discrição e desce as escadas com cautela, chegando à sala. No entanto, apesar dos vidros no chão próximos à estante, não há sinais da irmã ou mesmo do irmão. Santiago se aproxima, pisa em algum vidro e observa o ambiente tão vazio quanto agora está a parte interna da estante onde deveriam estar os bonecos horrendos.

– Alguém está seriamente encrencado – ele olha para trás. Daniel está parado no limiar da cozinha com um lanche na mão, observando.

– Não fui eu – Santiago se defende – Acabei de chegar – ele gagueja, mas sabe que já está encrencado quando o irmão mais velho, magro e vestido de preto lhe da as costas e sobe para o quarto e então o garoto se vê ali, incriminado de um crime que não cometeu e que sabe que pagará por ele – Onde estão os bonecos? – ele se questiona, sem saber, entretanto, se quer realmente descobrir essa resposta, porém assim como o ar que ele respira sem a necessidade de sua intervenção, Santiago descobre que não está sozinho na sala quando curtas e rápidas passadas correm atrás dos móveis que o circundam, e as risadinhas femininas ecoam atrás dele alguns instantes antes do garoto ver pelo canto dos olhos o vulto subindo pelo braço do sofá. De madeira cor de canela e um sorriso marcado no rosto liso, os olhos grandes e negros, assim como os longos cílios que se fecham numa longa piscada para ele, a boneca de não mais de quarenta centímetros arreganha uma boca infernal para o menino. Não demora muito para que ele perceba que, além das lágrimas que escorrem de seu rosto, a urina também escorre quente por

suas pernas quando a monstrinha salta do sofá e corre torta para ele.

Santiago corre pelas escadas, suas pernas curtas pulando o máximo de degraus que lhe é possível enquanto sente o sangue pulsando em seus ouvidos – Júlia, Júlia, Júlia – ele chama sem parar e continua quando chega ao corredor e olha para trás A boneca ainda está atrás dele e a porta do quarto da irmã está trancada, então ele começa a esmurrar desesperadamente, aos berros, a boneca subindo, já agora no último degrau.

– O que é, pirralho? – Júlia abre a porta, e Santiago tenta entrar, mas a irmã o barra – Ei, qual é a regra? Nunca entre no meu quarto. Qual é o problema? A casa está pegando fogo? – Santiago não consegue falar – Alguém invadiu? – ele balança a cabeça negativamente – Então não me encha o saco.

– Os bonecos – ele diz por fim – eles quebraram o vidro. Eu vi, a boneca correu atrás de mim.

Júlia revira os olhos – Ata, entendi tudo. – ela sorri e cruza os braços – O pirralho fez besteira e se deu mal. Ok, vê se não enche. E vá trocar essa calça, está mijado – Ela faz cara de nojo e tenta fechar a porta, mas ele coloca o pé, o que a irmã o olha irritada.

– Por favor, Júlia, olhe, ela está ali – Santiago aponta para a escada, mas ao olhar, tanto ele quanto a irmã vêem apenas o último degrau vazio.

– Boa tentativa pirralho, mas você vai ter que se explicar sozinho – ela diz, fechando a porta com a chave.

Sozinho no corredor, o garoto olha mais uma vez para a escada, mas quando a boneca aponta a cabeça, ele corre para seu quarto. Maldita a hora que seus pais tiraram a chave da porta. Pensa em um palavrão para dizer, mas nem as orações lhe veem agora para pedir uma proteção do mal que vem arrastando pelo corredor. Só lhe resta pegar a coberta sobre a cama e correr para dentro do closet.

Júlia volta a pegar o celular que deixou sobre a cama, deitando sobre a mesma, suspirando antes de voltar a digitar – Voltei, era só meu irmão. Adora inventar coisas para se safar de encrencas.

O celular apita, emojis de carinhas engraçadas preenchem a tela do celular

em respostas, mas a porta de seu quarto volta a bater.

– Eu não acredito nisso, vá embora, pirralho – novas batidas – Eu vou ai te encher de pancadas, estou avisando – novas batidas. Júlia se levanta e caminha com passos firmes e irados, abrindo a porta com força e decisão, mas não encontra o irmão. Nada, ninguém do lado de fora – Se eu te pegar aqui acabo com você – ameaça.

Pegando o celular novamente tenta retomar a conversa, mas debaixo de sua cama algo começa a arranhar – Petrus, não acredito que você entrou novamente – ela reclama, porque o gato persa de pelo marrom sempre encontra um jeito de entrar em seu quarto e esconder debaixo da cama – Vou te jogar pela janela – ela abaixa e levanta a colcha, olhando ali debaixo quando vê os olhos brilhantes – Venha logo gato idiota, não tenho a noite toda – Júlia estica o braço para pegá-lo e ele vem depressa, mas não é o gato. Tem cabelos brancos em vem para ela muito rápido apoiado em seus cotovelos enquanto que, preso em uma mão há uma faca e na outra, um pequeno tridente.

Júlia tomba sentada para trás e o boneco sai debaixo da cama, o sorriso permanente nos lábios e o brilho da lâmpada na pequena lâmina que sai de seu pulso. Ela grita, Santiago tapa os ouvidos aterrorizado, e Daniel nada ouve além dos sons de seus companheiros de Playstation. O pequeno e ágil boneco pula no peito da garota, cravando ali o tridente e o primeiro lance da lâmina atinge seu pescoço, o sangue espirra na tela de plasma e os quarenta centímetros de madeira e monstruosidade continua agindo sobre o corpo petrificado de terror enquanto vai desfalecendo sobre o carpete rosa felpudo, agora sendo tomado pelo quente vermelho do sangue.

Daniel não percebe a porta se abrindo, há uma competição na tela da televisão em que ele está envolvido e sua pontuação é alta, precisa mantê-la. O lanche que deixou pela metade sobre a mesinha continua ali e ele tateia em busca, não acha na primeira tentativa, continua as cegas até derrubar o refrigerante – Merda – sua mãe vai reclamar do chão grudento, ele abaixa, recolhe a latinha quando sente a pancada na cabeça. Seu corpo vai para frente, a testa bate no chão e ele cai de bruços, ficando zonzo, girando o corpo lentamente e piscando algumas vezes até ajustar o foco de sua visão e

perceber que alguma coisa está de pé atrás de sua cabeça.

– Santiago – Ele grita, furioso – seu pirralho filho da mãe. Vou acabar com você.

O boneco de cabeça minúscula diz algo em uma linguagem incompreensível, e Daniel arregala os olhos, mas não há tempo para sustos, porque as enormes mãos agarram seu pescoço, apertando-o. Daniel se levanta, mas o boneco não solta, como uma morsa que grudou em sua garganta e vai se fechando, sufocando, cingindo em um abraço de morte enquanto o rapaz vai perdendo as forças junto com a luz que começa a escurecer em seus olhos. Cair é somente o que lhe resta nestes últimos segundos de ar.

Santiago está debaixo da coberta dentro do closet sentindo que sua respiração irá explodir seu pulmão. Agora a casa está silenciosa e ele não sabe quanto tempo mais irá suportar esta tensão quando rangem as dobradiças da porta de seu quarto e curtos passos adentram rapidamente. Há cochichos em uma estranha língua, passadas em diferentes direções e uma se aproxima, devagar, farejando, falando de forma gutural enquanto o garoto sente as lágrimas correndo por seu rosto. Ele segura a respiração e coloca a mão na boca, percebendo que as passadas pararam assim como os cochichos.

Santiago escuta mais um pouco, aguardando, talvez tenham desistido, ido embora, uma espiada para ter certeza o leva a puxar um pouco a porta e olhar para fora, mas o terror aguarda-o à porta. Três pequenos bonecos de mãos dadas sorrindo para ele, diabólicos, sonoros e cheios de ódio nos olhares tão vivos quanto o seu é capaz de vê-los.

Ecoando pela casa, o grito de Santiago se espalha como a nevoa que cobre as casas da vila no instante em que o carro dos pais estacionam em frente ao jardim, mas do lado de fora eles nada ouvem, nada percebem quando entram no ambiente escuro. Não há nada fora do comum até Paula encontrar o filho no closet brincando com os bonecos raros do pai.

Durante um mês os jornais noticiaram a tragédia na família Toulon.

“Filho caçula de família Toulon enlouquece e mata irmãos mais velhos quando pais saem em jantar romântico”

Santiago foi internado numa instituição para crianças especiais. Seu pai permitiu que ele ficasse com os bonecos.

Estranhamente, no mesmo período, mortes trágicas e inexplicáveis começaram a acontecer no Hospital psiquiátrico ao cair da noite, quando a névoa invadia a antiga vila de Paranapiacaba.